



## Max Weber nas fronteiras do reencantamento?

### Max Weber on the borders of re-enchantment?

LEHMANN, H. 2009. *Die Entzauberung der Welt: Studien zu Themen von Max Weber*. Göttingen, Wallstein, 149 p.

Carlos Eduardo Sell<sup>1</sup>  
sell@cfh.ufsc.br

A vitalidade de um pensador reside especialmente na sua contínua capacidade de dialogar com o nosso tempo. Bobbio (2000, p. 131) expressa essa ideia, ao afirmar que um autor clássico caracteriza-se, entre outros fatores, pelo fato de que "tenha construído teorias-modelo das quais nos servimos continuamente para compreender a realidade". Sendo este um dos critérios que define o que é um clássico, a recente onda de publicações alemãs que colocam o conceito weberiano do *desencantamento do mundo* como tema central de seus trabalhos, evidencia o quanto o pensamento de Max Weber ainda é central para a compreensão do mundo contemporâneo. Dentre estas obras, refiro-me a dois textos publicados em 2009: o livro *Die Entzauberung der Welt (O desencantamento do mundo)*, de Wolfgang Schluchter (2009) e, em especial, o escrito de Hartmut Lehmann, professor da Universidade de Göttingen, também intitulado *Die Entzauberung der Welt: studien zu Themen von Max Weber (O desencantamento do mundo: estudos sobre temas de Max Weber)*, objeto de apreciação nesta resenha.

A obra do professor Lehmann (2009), ao longo de seus 10 capítulos (alguns escritos em inglês e outros, em alemão), constitui uma síntese muito feliz dos trabalhos desse historiador que, no decorrer de suas pesquisas, tem se dedicado à análise do destino da religião (especialmente do protestantismo) no contexto das mutações religiosas da Europa. Reunindo diversos textos publicados entre os anos de 2005 a 2008 (além de três escritos inéditos), sua multiplicidade temática pode ser relida a partir de três eixos fundamentais. Do ponto de vista teórico-analítico, ele explicita o conteúdo e significado da categoria desencantamento do mundo e seu suposto adverso contemporâneo: o reencantamento do mundo. Na perspectiva exegetica, Lehmann (1996) brinda o leitor, ainda, com um acurado exame de uma de suas especialidades: a análise biográfica (*Werkgeschichte*) das origens, a composição, a estrutura e os desdobramentos de um dos mais importantes escritos de Max Weber: *A ética protestante e o 'espírito' do capitalismo*. Por fim, partindo dos elementos anteriores, o estudioso não deixa de se pronunciar, agora em um plano empírico-conjuntural, sobre o status das relações entre religião e modernidade no contexto cultural europeu.

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Desenvolve pesquisa sobre o tema da Racionalidade e racionalização em Max Weber, com auxílio do CNPq (Produtividade em Pesquisa). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Caixa Postal 476, 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil.

Ao tratar da expressão weberiana *desencantamento do mundo*, o livro surpreende pela ênfase com que apoia a tradução do termo (realizada nas novas edições da *Ética Protestante*, nos Estados Unidos) para a versão *desmagificação* (*desmagification*), evitando-se, assim, a rápida associação do termo *disenchantment* com a ideia de desilusão ou desapontamento. No entanto, esse pretensão rigor terminológico não se traduz em exatidão conceitual, pois, na ampla acepção que lhe empresta Lehmann (1996), *Entzauberung der Welt* remete à *desmitologização* ou *dessacralização* e denota dois significados: por um lado, "um processo de dimensões globais durante o qual todos os meios mágicos que garantem a salvação foram descartados e expelidos" (Lehmann, 1996, p. 10) e, por outro, "equivale à decisão fundamental sobre a eliminação da magia no mundo e, portanto, à racionalização de todos os assuntos mundanos" (Lehmann, 1996, p. 11). Dessa forma, o autor nos priva da riqueza metafórica que a expressão comporta, sem oferecer em troca maior rigor teórico. Completamente diferente é o caso do estudo de Shluchter que, em sua detida análise, demonstra que a expressão weberiana *desencantamento do mundo* aponta para um duplo processo: histórico-religioso e histórico-científico. Aliás, sobre esse ponto, podemos dizer que essa é matéria já antecipada na pesquisa do sociólogo brasileiro Antônio Flávio Pierucci (2004), primeiro a insistir no significado duplo e concomitante do sintagma em questão: desencantamento do mundo é eliminação da magia como meio de salvação (processo histórico-religioso) e perda de sentido do mundo operada pela visão científica do mundo (processo histórico-científico).

Tal fato não significa, contudo, que o trabalho de Lehmann não apresente novidades. Isso começa por uma nova hipótese quanto à genealogia da expressão desencantamento do mundo na obra de Weber. Afastando-se da tese de Berman (1981), que credita a origem do conceito à transformação da ideia de *entgötterung der Natur* (*desdeusamento da natureza*), encontrada em Schiller, ele sugere que sua raiz pode estar na obra do teólogo holandês Balthasar Bekker, autor de um texto publicado ainda em 1781 e chamado *Die bezauberte Welt*: teria Weber tido acesso a esse livro, disponível na biblioteca de Heidelberg e, a partir dele, forjado um novo conceito? Lehmann (2009) reconhece que se trata apenas de uma hipótese ainda sem provas; este tema, no entanto, já nos deixa perto de outro ponto importante tratado no seu livro: o reencantamento do mundo.

O livro em questão é claro quanto ao fato de que não há qualquer ocorrência do termo *Wiederverzauberung*, ou qualquer correlato de reencantamento nos escritos produzidos por Weber. Mas, para nossa surpresa, ele consegue apontar para algumas passagens que, seguindo-se a leitura do autor, estariam muito próximas desta ideia. Nessa direção, em *Ciência como Vocação*, podemos ler que "muitos deuses antigos ascendem de seus túmulos [*Die alten vielen Götter (...) entstehen ihren Gräbern*]; desencantaram-se e tomaram, por isso, a forma de forças impessoais. Lutam para conseguir poder sobre nossa vida e retomam novamente sua luta eterna entre si" (Weber, 1982, p. 176). No

caso da *Ética Protestante e o 'espírito' do capitalismo*, a mesma concepção está expressa nos seguintes termos: "Ninguém sabe ainda quem no futuro vai viver sob essa crosta e, se ao cabo desse desenvolvimento monstro não de surgir profetas inteiramente novos, ou um vigoroso renascer de velhas ideias e antigos ideais" (Weber, 2004, p. 166). E, como que a desafiar quem não vê nos "deuses ressurgidos dos túmulos" ou nos "novos profetas e velhas ideias" qualquer indício de reencantamento, Lehmann se dá ainda ao trabalho de indicar, justamente no miolo da visão weberiana do mundo (a ciência), as fronteiras do desencantamento. Neste caso, o argumento do autor consiste em destacar que a reflexão de Weber assume que, mesmo no coração da atividade científica, que é movida pela racionalidade, também estão contidos aspectos não racionais, em especial as ideias de acaso (*Hazard*), intuição (*Einfall*), inspiração (*Eingebung*) e destino (*Schicksals*).

Um dos méritos maiores do livro de Lehmann (2009) é o extenso panorama com o qual ele nos descortina a história da mais conhecida obra de Max Weber: *A ética protestante e o 'espírito' do capitalismo*. Pela investigação do autor, somos lembrados que o livro surgiu de estudos acumulados por Weber (entre abril e julho de 1904), para serem fornecidos a Lujo Brentano, o qual ele pretendia que fosse o redator de uma apreciação crítica do livro de Werner Sombart (*O capitalismo moderno*, publicado em 1902). Com a falta de iniciativa de Lujo Brentano, Weber ampliou suas pesquisas, cujos resultados (os três primeiros capítulos da *Ética Protestante*) foram publicados em novembro de 1904, algumas semanas depois de sua volta da viagem realizada aos Estados Unidos (onde participou de um Congresso em Saint Louis). As marcas dessa viagem ficaram, especialmente, na segunda parte do livro, escrito entre novembro de 1904 e março de 1905, e cuja publicação veio a lume no verão de 1905. Lehmann mostra ainda que, se a primeira versão da *Ética Protestante* tem uma orientação marcadamente histórico-econômica, o escrito *Igrejas e Seitas na América do Norte* (publicado em abril de 1906) já possui um caráter claramente sociológico e, ainda trazendo os impactos que a realidade norte-americana imprimiu sobre Weber, apresenta uma dicotomia a fazer história no campo da sociologia da religião: os tipos ideais Igreja e seita. Na análise da versão da *Ética Protestante*, revisada por Weber, em 1920, esta perspectiva se amplia e, conquanto a obra esteja atravessada por uma metodologia plural de análise (seguindo as perspectivas jurídica, histórico-econômica, histórica ou histórico-eclesiástica, filológica, filosófica, pedagógica, psicológica, política e sociológica), o estudo ganha um timbre definitivamente sociológico.

Além de discutir o processo de gênese dos estudos weberianos sobre a relação entre protestantismo ascético e conduta profissional, Lehmann acompanha, com particular interesse, as discussões que essa tese suscitou. Em sua primeira fase, que se estende de 1907 a 1910, ela envolve a polêmica de Weber com Karl Fischer e Friedrich Rachfal; e, na segunda, que se estende de 1911 a 1920, desdobra-se com o debate de Weber com Lujo Brentano e o acirramento de sua oposição às ideias de Sombart.

Weber deu um tratamento diferenciado a essas duas diferentes ondas de contestação de suas ideias. Ele considerou o primeiro conjunto de intervenções basicamente como mal-entendido e redigiu diversas anticríticas visando esclarecer e aperfeiçoar seus pontos de vista. Embora Weber tenha encerrado seu debate com estes dois autores, no período posterior, que vai de 1911 até 1920, a polêmica sobre as teses da *Ética Protestante* continuou, e podemos rastrear sua existência nas diversas observações que o autor faz a esse respeito nas notas de rodapé acrescentadas às já existentes na primeira edição da sua obra. Aliás, neste quesito, ficam evidentes a perícia e a erudição das pesquisas de Lehmann, que faz uma análise minuciosa dessas notas, rastreando as fontes que Weber cita e mostrando como, nas entrelinhas da *Ética Protestante*, o autor distanciou-se da visão proposta por Lujo Brentano (na obra *Os primórdios do capitalismo moderno*, de 1916). Também critica asperamente as teses que vinculavam o Capitalismo com o Judaísmo (caso de Sombart em *Os judeus e a vida econômica*, de 1911). Por fim, o livro em questão documenta os desdobramentos que a tese de Weber (associada com os escritos de Ernst Troeltsch) suscitou ao longo do século XX, em trabalhos que procuraram refutar ou propor alternativas a sua visão (em particular, os estudos de Richard Tawney, Hugh Trevor-Roper, Herbert Lüthy, H.M. Robertson, Kurt Samuelson, Amitore Fanfani, entre outros), empreendimento que, por si só, testemunha não só a longevidade, mas também a força e pertinência do clássico argumento weberiano.

Apesar de pouco explorar os desdobramentos das pesquisas comparativas de Weber (1988) sobre as religiões mundiais, fator que recoloca o tema dos vínculos entre Protestantismo ascético e Capitalismo moderno em uma nova chave analítica (a racionalização), as pesquisas de Lehmann (2009) contribuem decisivamente para uma leitura historicamente situada do livro escrito por Weber em 1904–1905, bem como contribuem para uma compreensão contextualizada dos argumentos weberianos (na linha do que hoje recomendam os métodos da história das ideias). O trabalho de Lehmann (2009) não se esgota apenas na riqueza de suas investigações histórico-conceituais, pois, além e a partir delas, o autor se lança na difícil tarefa de interpretar o cenário religioso da Europa contemporânea (especialmente da Alemanha). Neste registro, dois temas são contemplados.

Em primeiro lugar, há a questão do *secularismo*, ou estilo de vida secular (desinteresse pelas convicções religiosas e distância das práticas religiosas) na Europa Ocidental. Para captar a ambiguidade e complexidade deste fenômeno, Lehmann descreve indicadores que apontam claramente nesta direção (como o aumento do número de divórcios, decréscimo dos casamentos religiosos, alto número de abortos, uso generalizado de métodos anticoncepcionais e elevação do número de pessoas vivendo sozinhas), mas também suas forças contrárias (como o repto católico à cultura secularista e a influência das religiões políticas, em especial o Nacionalismo e o Comunismo), sem descurar ainda de elementos que ele julga neutros (em outras palavras, que podem favorecer ou opor-se ao secularismo), como o fenômeno migratório, a influência dos meios de comunicação de massa e

a violência. Diante desse cenário, o autor indaga especialmente se o secularismo (definido também como visão iluminista de mundo) poderia sobreviver diante de uma Europa cada vez mais diversificada étnica e religiosamente: estaria a era do secularismo chegando ao fim ou estariam as comunidades políticas da Europa aptas a assimilar imigrantes que trazem consigo experiências culturais alheias a sua história político-religiosa? Diante deste desafio, Lehmann (2009) clama pelo aprofundamento das pesquisas, mas já adianta uma conclusão: o caminho europeu e norte-americano de separação entre o público (Estado) e o privado (Religião) constitui uma contingência histórica e cultural (a ser preservada) e não uma necessidade inerente aos processos de modernização social.

O mesmo procedimento é adotado pelo autor para discutir o tema do *retorno dos deuses*. Lehmann primeiro examina os indicadores de um suposto retorno do religioso, ligado a expressões religiosas no mundo do futebol, à preservação da identidade cultural e à formação de laços sociais entre imigrantes, às iniciativas das grandes Igrejas (Católica e Protestante) para preservar e angariar fiéis, à demanda pelo ensino religioso como veículo de formação moral, ao crescimento das Igrejas livres (*Freikirchen*) e ao sentimento de segurança psicológica proporcionado pelas religiões. Por outro lado, ele também aponta para a crise das instituições eclesásticas, exemplificada pelo declínio do valor religioso do domingo e pelo crescimento das crenças esotéricas, entre outros fenômenos. Diante desses diagnósticos contraditórios, como os decorrentes de uma interpretação do status do religioso no contexto contemporâneo, Lehmann aposta na tese de que as transformações religiosas observadas na Europa corroboram com um declínio da *religião* como pertença institucional, mas não com um enfraquecimento da *religiosidade* vista como experiência individual e cultural. Na visão desse autor, isso não significa uma reversão do processo de secularização, pois este se define exatamente pela privatização e individualização do religioso. Por outro lado, afirma ele: "com a ajuda do conceito weberiano de 'desencantamento do mundo' as diferentes formas do atual interesse religioso não se deixam exprimir. O que atualmente podemos observar não é uma secularização no sentido do 'desencantamento do mundo', mas uma "secularização sem desencantamento" (Lehmann, 1996, p. 142).

Até o momento, a abundante literatura contemporânea que proclama um suposto processo de reencantamento do mundo (Fernandes, 2006) tem passado ao largo de um confronto direto com os conceitos de Weber. Assumindo pressupostos muito mais normativos do que descritivos, tais trabalhos tendem simplesmente a assumir acriticamente a obsolescência da visão weberiana sem qualquer esforço rigoroso e sistemático de refutação (e até de compreensão) de suas ideias. O livro de Lehmann (2009), malgrado os reparos que sua interpretação possa merecer, tem o mérito de não se furtar a este diálogo, colocando a discussão no próprio interior da sociologia weberiana. Ao indicar, em Weber, supostas *fronteiras do desencantamento*, ao mesmo tempo em que sugere um diagnóstico cuja característica central é a *secularização sem desencantamento*, ele assume um

ponto de vista que, original para uns, polêmico para outros, ou equivocado para terceiros, nos convoca para um renovado esforço de compreensão hermenêutica em torno dos textos weberianos e, acima de tudo, convida-nos a pensar, a partir de Weber, os desafios de nosso tempo.

## Referências

- BERMAN, M. 1981. *The reenchantment of the World*. New York, Ithaca, 357 p.
- BOBBIO, N. 2000. *Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos*. Campus, Rio de Janeiro, 717p.
- FERNANDES, R. 2006. O reencantamento do mundo: elementos para uma renovação epistemológica da ciência. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE (ANPPAS), III, Brasília, 2006. *Anais...* Brasília, p. 1-16.
- LEHMANN, H. 1996. *Max Webers Protestantische Ethik: Beiträge aus der Sicht eines Historikers*. Göttingen, Vandenhoeck und Ruprecht, 171 p.
- LEHMANN, H. 2007. *Säkularisierung: Der europäische Sonderweg in Sachen Religion*. Göttingen, Wallstein, 157 p.
- LEHMANN, H. 2009. *Die Entzauberung der Welt: Studien zu Themen von Max Weber*. Göttingen, Wallstein, 149 p.
- PIERUCCI, A.F. 2004. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo, Editora 34, 236 p.
- SCHLUCHTER, W. 2009. *Die Entzauberung der Welt*. Tübingen, Mohr Siebeck, 154 p.
- WEBER, M. 2004. *A ética protestante e o 'espírito' do capitalismo*. São Paulo, Cia. das Letras, 335 p.
- WEBER, M. 1982. A ciência como vocação. In: M. WEBER, *Ensaios de sociologia*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Guanabara, p. 309-346.
- WEBER, M. 1988. *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie*. Tübingen, Mohr, 3 vols., 385 p.